



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

A ESCOLA COMO TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA: EXPERIÊNCIAS CRÍTICAS SOBRE GÊNERO, PRIVILÉGIO E SILENCIAMENTO

Josineide Barbosa Pereira¹

Leonice Bezerra Lemos²

Maria Ana Belly de Melo Araujo³

Maria Eulina Pessoa de Carvalho⁴

Marília Siebra Pereira Leite⁵

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desdobra-se das discussões realizadas no componente curricular Tópicos em Gênero e Educação da Linha de Pesquisa em Estudos Culturais da Educação, lecionado pela Professora Dr^a Maria Eulina Pessoa de Carvalho, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Após as problematizações acerca da categoria gênero, violência e suas interseccionalidades durante as aulas, foi construído um plano de aula sobre a temática para ser aplicado no ensino médio de uma escola pública do município de João Pessoa - PB.

O objetivo principal da ação pedagógica perpassa pela necessidade de ouvir as concepções dos(as) estudantes de ensino médio acerca da violência de gênero, por intermédio de duas vivências: (1) “Trend: corrida do privilégio”, que viralizou nas redes sociais; e (2) o mural, construído coletivamente, provocado pela frase “Não bateu, mas...” Segundo Hooks

¹ E-mail: josineidebarbosa.barbosa@gmail.com

² E-mail: leonicelemos12@gmail.com

³ E-mail: anabellydemelo@hotmail.com

⁴ E-mail: maria.eulina@academico.ufpb.br

⁵ E-mail: mariliasiebra@gmail.com

(2025), a desigualdade entre os sexos é um instrumento de manutenção do poder patriarcal e precisa ser enfrentada por meio de práticas feministas que questionem as estruturas que perpetuam a opressão e a exclusão das mulheres. Carvalho (2012, p. 88) explica que “a construção dicotômica de gênero (ativo/forte/masculino X passivo/fraco/feminino) e de relações de dominação de gênero reproduz, legitima e naturaliza a violência, a opressão e a exclusão de pessoas mais vulneráveis, nas relações sociais.” Portanto, “toda violência é violência de gênero, isto é, se expressa como poder/dominação masculina, o que não significa que seja exercida só por homens, embora o seja predominantemente, estatisticamente” (p.99).

A partir dessa ótica, o trabalho foi desenvolvido com o intuito de promover diálogos e reflexões sobre a temática com estudantes matriculados(as) no sistema público de ensino.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA

A experiência pedagógica foi desenvolvida na Escola Cidadã Integral Técnica Padre Hildon Bandeira, com 25 estudantes do 1º ano do ensino médio. Na manhã do dia 7 de outubro de 2025 - durante três aulas seguidas - participaram das atividades 2 turmas, sendo 16 estudantes do curso de confeitaria e 9 estudantes do curso de marketing. Desse quantitativo, 6 estudantes se identificaram como do gênero feminino e os demais do gênero masculino.

A abordagem metodológica escolhida pautou-se nos estudos feministas e culturais para compreender e intervir nas dinâmicas de gênero presentes na escola. Foi organizada em duas etapas interligadas. A primeira possibilitou a realização de uma vivência pedagógica denominada “Trend: Corrida do privilégio”, que culminou numa discussão posterior mediada pelas facilitadoras. A segunda se destinou a construir um mural coletivo com base nas discussões realizadas, sob o título “Não bateu, mas...” As professoras de Língua Portuguesa e da base técnica também participaram da atividade.

Inicialmente, as facilitadoras se apresentaram, explicaram a proposta e solicitaram permissão para registro em fotos e vídeos, para fins de pesquisa. Logo em seguida foi iniciada a “Trend: Corrida do privilégio”, que parte da ideia de que homens e mulheres estão em situação de desigualdade na sociedade, objetivando ouvir as percepções dos(as) estudantes sobre privilégio, suas concepções sobre gênero e violência de gênero, e os sentimentos despertados ao participar da atividade.

Nesse sentido, foi feito o seguinte questionamento: a escola faz um trabalho de conscientização e mudança de comportamento acerca das violências de gênero ou apenas reproduz o status quo? Conforme Carvalho (2012, p.102), “as relações de dominação de gênero, os significados e identidades de gênero são uma construção social e cultural, então se

trata de um fenômeno educacional, de uma aprendizagem individual e coletiva, que tem lugar importante na escola.”

Durante a *trend*, que aconteceu no auditório da escola, os(as) estudantes foram dispostos lado a lado sobre uma linha imaginária no chão, representando o ponto de partida comum. Algumas afirmações – que expressam situações cotidianas de privilégio e discriminação de gênero, raça, classe e sexualidade – foram lidas: Se você já ouviu piadas ou comentários ofensivos por ser menina ou menino, dê um passo à frente; Se você já ouviu que certas profissões ou cursos não são para o seu gênero, dê um passo à frente. Os e as participantes eram convidados a dar um passo à frente ou permanecer em seus lugares, conforme suas experiências pessoais.

A visualização do distanciamento entre os colegas possibilitou uma reflexão concreta sobre os diferentes tipos de privilégio existentes no grupo, transformando a experiência em um momento de conscientização coletiva. Ao terminarmos a atividade, nos deslocamos para a sala de informática onde foram feitas as discussões. Logo após, a segunda etapa da vivência foi iniciada, sendo proposta a construção de um mural reflexivo a respeito da violência contra a mulher com a frase geradora: “*Não bateu, mas...*”. Assim, os(as) estudantes registraram, em post-its coloridos, situações de violência simbólica, moral e psicológica vivenciadas ou observadas por eles e elas. Essa atividade buscou ampliar a compreensão de que a violência de gênero não se restringe à agressão física, mas também se manifesta em práticas discursivas e comportamentais naturalizadas.

Durante todo o processo, as facilitadoras privilegiaram o diálogo, a escuta ativa e a empatia, através de uma abordagem que valoriza as emoções e o protagonismo dos(as) estudantes, conforme propõe Hooks (2025), ao defender uma educação como prática da liberdade.

REFLETINDO COM A EXPERIÊNCIA: POTENCIALIDADES, DESAFIOS E APRENDIZADOS

A desigualdade entre homens e mulheres é resultado de uma construção histórica e social que organiza o poder de maneira assimétrica. Como argumenta Saffioti (1976), o patriarcado e o capitalismo formam uma estrutura interdependente que mantém as mulheres em posição de subordinação, tanto no espaço público quanto no privado. Bourdieu (2025), ao analisar a dominação masculina, demonstra que essa hierarquia é naturalizada por meio de práticas culturais e simbólicas que legitimam a superioridade masculina. As reflexões emergentes das etapas, especialmente da “*Trend: Corrida do privilégio*” e da construção do

mural “Não bateu, mas...”, contribuíram para uma compreensão e socialização sobre as múltiplas formas de violência e discriminação de gênero naturalizadas, e/ou desconstruídas nas relações sociais e escolares.

A “Trend: Corrida do privilégio” foi um experimento introdutório para que os(as) estudantes vivenciassem, na prática, as desigualdades impostas a homens e mulheres em nossa sociedade, refletissem sobre os conceitos de gênero e violência de gênero, e sobre como se sentiram participando da atividade. Conforme Saffioti, “(...) as diferenças sociais e culturais atuam sobre o ser humano desde o seu nascimento (...) ricos e pobres partem de condições diversas em sua luta pela vida. Muitas diferenças de tratamento podem ser verificadas entre homens e mulheres.” (Saffioti, 1987, p. 68). Durante a execução da vivência, foi notável o impacto visual e emocional provocado pela distância entre os participantes.

O espaço de compartilhamento proporcionado pelas atividades permitiu que os(as) estudantes ressignificassem essas experiências, reconhecendo-as como formas de opressão e refletindo sobre possibilidades de mudança. Essas práticas também se mostraram coerentes com a perspectiva defendida por Hooks (2025), para quem a educação deve ser um ato libertador, capaz de romper com o silenciamento e promover o engajamento crítico dos sujeitos. Ao trazer as vivências dos(as) estudantes para o centro do debate, a proposta contribuiu para a construção de um currículo mais inclusivo e dialógico, que reconhece saberes diversos e promove a desconstrução de estereótipos de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica desenvolvida na Escola Cidadã Integral Técnica Padre Hildon Bandeira possibilitou a construção de um espaço dialógico e reflexivo sobre gênero e violência de gênero no contexto escolar. As atividades “Trend: Corrida do privilégio” e o mural “Não bateu, mas...” mostraram-se potentes instrumentos pedagógicos para promover a escuta, a empatia e a problematização das desigualdades naturalizadas nas relações sociais.

Os resultados evidenciam que, ao vivenciarem situações concretas que expõem desigualdades e privilégios, os(as) estudantes puderam ressignificar suas concepções sobre gênero e reconhecer a importância de combater práticas discriminatórias e violências simbólicas presentes no cotidiano.

A intervenção reforça o papel da escola como espaço formativo capaz de questionar estruturas patriarcais e promover uma educação libertadora, conforme defendem Hooks (2025) e Carvalho (2012), com inspiração em Paulo Freire. Também demonstra que a abordagem dos

temas de gênero deve ultrapassar a perspectiva normativa, sendo tratada como dimensão ética, política e cultural do processo educativo.

Por fim, a experiência reafirma que práticas pedagógicas baseadas no diálogo, na escuta ativa e no protagonismo estudantil constituem caminhos eficazes para o enfrentamento das desigualdades e para a construção de uma cultura escolar mais justa, equitativa e democrática.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução Maria Helena Kuhner. 24.ed.-Rio de Janeiro: Difel, 2025.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Violências na escola: O que isso tem a ver com violências de gênero? ANDRADE, Fernando (Org). **Escola**: faces da violência, faces da paz. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 87-112

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. Trad. LIBANIO, Bhuvi. 27ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2025.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: Mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.